

SUPLEMENTO

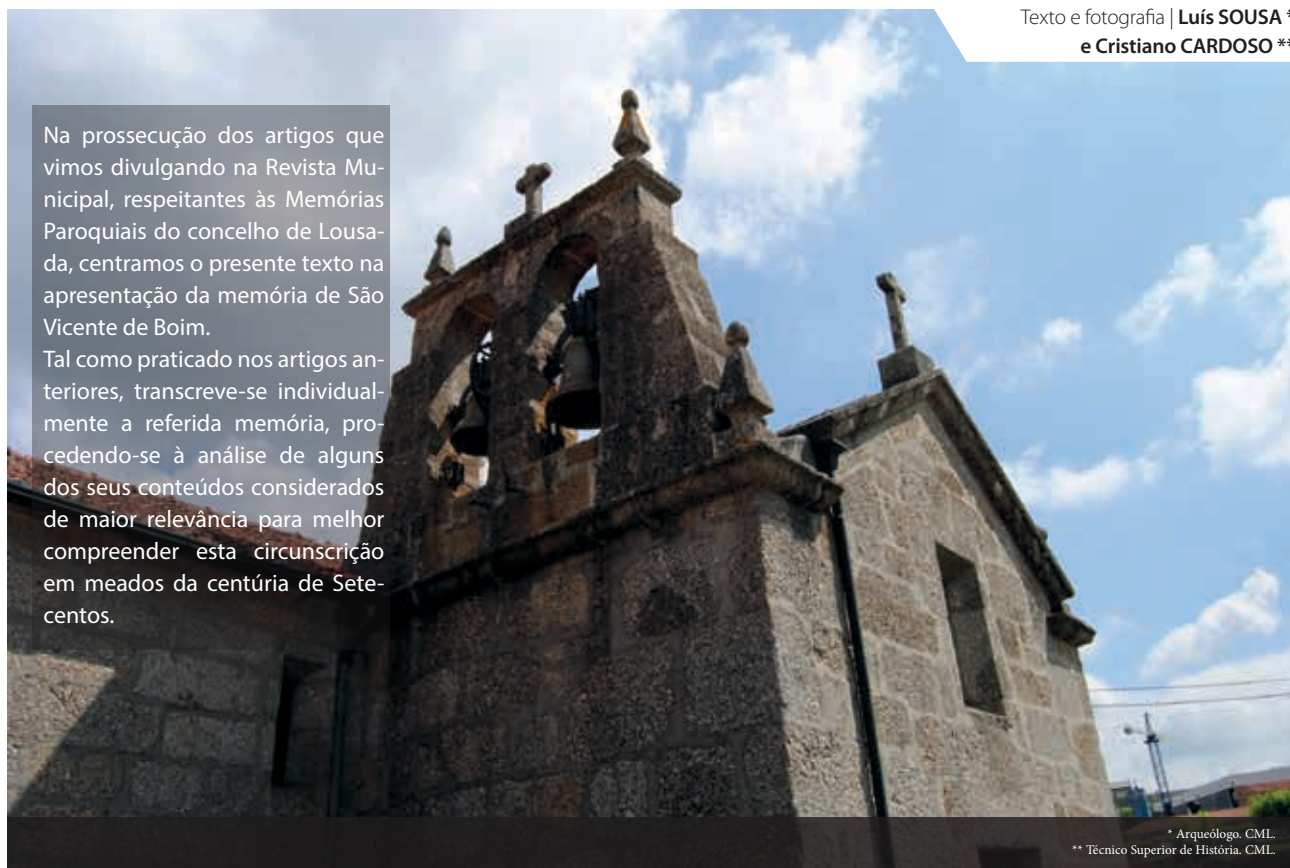
DO PATRIMÓNIO

São Vicente de Boim em 1758: memória paroquial, toponímia e património

Texto e fotografia | **Luís SOUSA ***
e **Cristiano CARDOSO ****

Na prossecução dos artigos que vimos divulgando na Revista Municipal, respeitantes às Memórias Paroquiais do concelho de Lousada, centramos o presente texto na apresentação da memória de São Vicente de Boim.

Tal como praticado nos artigos anteriores, transcreve-se individualmente a referida memória, procedendo-se à análise de alguns dos seus conteúdos considerados de maior importância para melhor compreender esta circunscrição em meados da centúria de Setecentos.



* Arqueólogo. CML.

** Técnico Superior de História. CML.

A PARÓQUIA

De acordo com as inquirições de 1258, a igreja de *Sancti Vincencii de Goym* era do padroado dos herdeiros de D. Guiomar Mendes de Sousa e do mosteiro de Santo Tirso de Riba d'Ave, dependendo a apresentação do pároco da confirmação do bispo do Porto. D. Guiomar, irmã de Gonçalo Mendes de Sousa, casou com João Pires da Maia e os seus descendentes mantiveram diversas propriedades em Boim, preservando-se muita documentação que o testemunha¹. O compadroado da igreja de Boim não terá sobrevivido à intensificação de medidas régias que procuraram suprimir os inconvenientes que decorriam do exercício dos direitos de padroado por um número crescente de descendentes dos padroeiros leigos. Como resultado destas diligências, a igreja terá passado, em exclusivo, para o padroado do mosteiro beneditino de Santo Tirso. Em 1542, o *Censual da Mitra do Porto* já refere esta igreja como anexa da vigararia de Santo Tirso. O *Catálogo dos Bispos do Porto*, no início do século XVII, confirma Boim como curato anexo ao mosteiro de Santo Tirso, rendendo 150 000 reis, com uma população de 175 pessoas, das

quais 31 eram menores. O padre Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portuguesa*, designa-a ainda como *S. Vicente de Goim*, rendendo *ao cura setenta mil reis, e para os Frades duzentos mil reis*. A freguesia contava então com 58 vizinhos, cerca de 230 pessoas. *Nas Memórias Paroquiais*, meio século depois, o pároco José Vaz de Pinho, estimava uma população na ordem das 238 pessoas, contando-se 73 vizinhos.



Figura 2. Igreja de São Vicente de Boim

MEMÓRIA PAROQUIAL DE BOIM: TRANSCRIÇÃO

Satisfazendo ao que Sua Excelencia Reverendissima me ordena na sua ordem, que recebi em dous de Março, deste presente anno de 1758, respondo aos interrogatorios do papel junto, na forma que se segue. 1. Fica esta terra na Provinvia do Minho, comarca de Penafiel, bispado do Porto, correição de Barcellos e freguezia de S. Vicente de Boim, concelho de Louzada. 2. Hé da Serenissima Real Caza de Bragança, que anda anexo à Coroa, segundo me parece. 3. Tem

setenta e três vezinhos e duzentas e treze pessoas maiores e vinte e cinco menores. 4. Está situada em hum valle e circuitada pela parte do Nascente com alguns montes de pouca entidade, e com permehação de outros pela parte do Norte, donde se descobre a povoação da villa de Arrifana de Souza, que fica distante hua legoa. 5. Comprihende dezanove moradias, chamadas aldeas, que são as seguintes: Boim, tem vinte e oito vezinhos, Marelco tem quatro, Cedoura tem oito, Penedo

quatro, Outeirinho dous, Barroca hum, Sá três, Eiras dous, Campos hum, Ermeiro hum, Gerovilla hum, Assento da Igreja dous, Rial dous, Arcas três, Corgo dous, Costa dous, Cacabellos hum, Tonim dous, Villachãa hum só vezinho. E são as dezanove aldeas, cada hua das quaes comprehende os vezinhos que ficam declarados, do pé de cada aldea. 6. Está a residencia paroquial e a igreja no meio de quatro vezinhos, que ficam pouco distantes della e de seus predios, entre dous montes, hum chamado de S. Jorge, que fica da parte do Nascente, e outro chamado monte da Bade, que fica da parte do Norte. E tem esta freguezia dezanove aldeas, como acima fica declarado no interrogatorio 5. 7. Hé orago desta freguezia S. Vicente martir. E tem esta igreja quatro altares. O do altar mor onde está collocada a imagem do martir S. Vicente. Dous collateraes, hum dos quaes fica ao lado Direito, onde está collocada a imagem do Santo Nome, cujo altar hé do mesmo Santo Nome. E a seus lados estão as imagens de Santo Antonio e de S. Jorge martir. E o outro altar que fica ao lado Esquerdo hé de Nossa Senhora do Rozario, onde está collocada a sua imagem, cujo altar hé previligiado nos Sabbados de cada semana com Bulla, que se reforma de sete em sete annos, para os irmãos somente, por ter irmandade. E o outro altar fica ao lado Esquerdo da igreja para a parte do Norte, em hua nova cappella, novamente erecta e incorporada na mesma igreja, com arco, que se fez na parede da mesma, pela devoção e zello dos freguezes, em cuja capella e altar está collocado o Santissimo Sacramento. E por cima hua veneravel imagem do Senhor Crucificado, com a invocação dos Senhores dos Dezamparados, aonde acode munta gente em romaria, quazi todos os Domingos e dias santos, com novenas e sem ellas. 8. Hé curato que apresenta o Dom Abbade do Mosteiro de Santo Tirso de Riba d'Ave, cujos dizimos rendem aos padres do dito Mosteiro, duzentos e cincoenta e seis mil reis. E ao cura desta igreja rende a porção, pé d'altar e hum limitado passal, quarenta e cinco mil reis, pouco mais ou menos. E isto se entende em cada hum anno, tanto ao cura como ao Dom Abbade de Santo Tirso. 9. 10. 11. 12. Ao nono, decimo, undecimo, duodecimo, nada há que possa informar. 13. Tem hua cappella ou ermida, chamada de S. Jorge, no alto de hum monte, chamado de S. Jorge, fora das aldeas, mas perto da igreja, em cujo altar está collocada a imagem do dito Santo S. George martir, de cavallo. E hé

esta cappella desta freguezia ou dos moradores della, que estão obrigados à fabrica, reparo e ornato della, a qual hé visitada pello Ordinario e seus visitantes. 14. Fazem os freguezes festa ao dito S. George a vinte e três de Abril, com missa cantada e sermão nesta igreja, aonde está collocada a imagem do dito S. George, martir, de pé no altar do Santo Nome, como acima se declara. No fim de cuja festa levam a imagem do dito santo em procissão à dita cappella, que está no alto do monte de S. Jorge, aonde está outra imagem do dito santo de pé, a ahi fica todo o dia até à noite, por haver romagem na dita capella somente no dito dia vinte e três de Abril, em que se festeja o dito Santo. E no dito monte de S. Jorge há feira de bois no dito dia, tão somente que trazem seus donos em romaria ao dito santo, pelo terem por advogado contra males e doenças dos bois. 15. A maior frutificação desta freguezia hé milho groço, chamado milhão, milho miudo, centeio, painço, pouco trigo, não por a terra o não dar, mas por falta de se não semear, azeite. E toda a variedade de frutas e vinho verde. 16. Tem juiz ordinario este concelho de Louzada, onde está situada esta freguezia e camera, cuja eleição faz El Rei, na pauta que deste concelho vai cada anno, e dous almotacés que faz a camera cada três mezes. 17. Hé concelho de Louzada, da jurisdição da Serenissima Real Caza de Bragança. Ao decimo oitavo e decimo nono nada. 20. Não tem correio, mas serve-se do de Arrifana de Souza, que fica em distancia de huma legoa. 21. Dista da cidade do Porto, capital do Bispado, seis legoas e da cidade de Lisboa, capital do Reino, sessenta legoas. 22. Aos mais interrogatorios nada tenho que possa informar. Declaro ao interrogatorio que esta terra tem privilegios concedidos pela Serenissima Caza de Bragança e autorizados por El Rei. Não há serra de que se dê conta, nem rio. Só no fim desta freguezia, para a parte do Norte, nasce hum regato, que corre pelo meio da freguezia e rega e fertiliza parte della. E tem dous moinhos que só moem pão de segunda, no tempo de Inverno, o qual regato no fim da freguezia, a pouco espaço, fenece no rio Souza. E só cria escalos e eirós, perto do rio Souza, onde se mete. Não tenho mais que informar, nem responder aos interrogatorios, no papel que remete incluzo, nem outra couza notável e essencial. O que passa na verdade, S. Vicente de Boim, 25 de Abril de 1758. O cura, Jozeph Vaz de Pinho ².

TOPONÍMIA, PATRIMÓNIO E PERSONALIDADES

TOPONÍMIA

Denominação [antiga-1758/actual]	Nota etimológica/Ref ^m , bibliográficas/Observações
Agraria/Agraria Arca	Diminutivo de agra, o mesmo que campo (Machado JP, 1993, I: 63). Plural do singular feminino arca (Machado JP, 1993, I: 154). Tendo em conta a longa chá que se estende pelas freguesias lousadenses de Cristelos e Boim, bem como a regular topografia que apresenta, é crível que a origem deste topónimo se encontre na primitiva existência de monumentos megalíticos ou de períodos subsequentes, designadamente da Época Romana.
Arreimo do igreja	Este topónimo encontra-se relacionado, por proximidade, com o sítio onde se acha erigida a igreja de São Vicente de Boim.
Barroca	Segundo José Pedro Machado (1993, I: 223), barroca é topónimo frequente, derivado do singular feminino Barroca, de barro, com sufixo -oca, talvez pré-romano. Somos, no caso vertente, de opinião contrária, pois julgamos que este topónimo nada terá que ver com barro, antes mais relacionar-se com uma questão de ordem topográfica. Como se constata para outras referências toponímicas conhecidas em Lousada em particular, mas comum a outros territórios, significará zona funda, por vezes com abundante presença de água.
Boim	Forma aferética de Aboim, antropónimo (Machado JP, 1993, I: 263).
Casabão/Casabão	Evitamos peralte um topónimo muito frequente em Portugal e em Espanha. Para J. P. Machado (1993, I: 349) a sua origem é obscura, tendo, provavelmente, uma origem céltica ou mesmo pré-céltica, do radical <i>Kor</i> , «pedra».
Campo	Topónimo muito frequente em Portugal. Plural do singular masculino campo. A presença deste topónimo deve-se à existência, nos locais assim chamados, de extensões de terrenos planos e agrícolas (Machado JP, 1993, I: 323).
Cedouira/Cedouira	
Cerga/Cerga	Topónimo que surge com grande frequência em Portugal e na Galiza. Deverá significar encosta suave, menos frequente que a ladeira (Machado JP, 1993, I: 450).
Costa	Parcela de um território marcado por uma topografia acidentada, lito é, de encosta (Machado JP, 1993, I: 466). Compreende usualmente a superfície a cima de um morro que se destaca na envolvente. Situa-se normalmente entre o cocuruto de um monte e o início do vale.
Eira	J. P. Machado (1993, II: 551) limita-se a dizer que se trata de um topónimo frequente em Portugal e na Galiza. A razão da sua presença deve-se porventura à existência na zona de superfícies solarengas onde era praticado o sequeiro de cereal. Estas superfícies tanto poderiam aparecer isoladas ou estar associadas a dependências agrícolas como serem espaços sazonalmente preparados para o efeito.
Ermosa/Ermosa	Pese embora surja atualmente grafado com «e», este topónimo deve corretamente ser escrito com «i». J. P. Machado (1993, II: 574), citando Piel, diz que não será de considerar tratar-se de uma derivação de ermo, «porque seria inconcebível como formação de palavras». O autor prefere tirar este topónimo do germânico <i>Airman</i> , «forte», e <i>Aorj</i> , «exercício».
Gotaveia	
Marcão	
Outeiro	Topónimo de origem topográfica, diminutivo de Outeiro. O mesmo que cumo, sítio elevado, que se destaca da topografia da envolvente (Machado JP, 1993, III: 1120).
Prado	Topónimo muito frequente em nomes simples e compostos, quer em Portugal, quer na Galiza (Machado JP, 1993, III: 1154).
Real/Real	A forma «Real» foi a grafia empregue na Idade Média. Deverá significar «conjunto de várias nascentes», «derivado de rigu» (Fernandes AA, 1999: 505). Real é grafia recente, devendo interpretar-se a etimologia deste topónimo a partir da expressão empregue nos tempos medievais.
Sá	Forma toponímica muito frequente no Norte de Portugal e Galiza. Do antigo solo, de origem germânica, provavelmente do gótico solo. No latim medieval pode ter o sentido de «casa, residência» (Machado JP, 1993, III: 1287).
Tomas	Topónimo de origem obscura, talvez de <i>Tonin</i> (villu), genitivo de um antropónimo <i>Toninus</i> (J. P. Machado, 1993, III: 1418).
Vilhada/Vila Chã	Por vila entende-se aqui uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrícola de boa dimensão, ou unidade agrícola de superior grandeza que o casal. O adjetivo Chã, feminino de Chão, «plano». Na documentação medieval é frequente o termo <i>Villa Plano</i> (Machado JP, 1993, III: 1476).

Anotações etimológicas dos termos apresentados segundo a obra de A. de Almeida Fernandes – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arcozelo: Associação para a Defesa da Cultura Arcozeloense, 1999 e de José Pedro Machado – *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 Volumes, 2ª edição. Livros Horizonte/Confalúcia, 1993.

PATRIMÓNIO

IGREJA DE SÃO VICENTE DE BOIM

O conjunto formado pela igreja de Boim, pela casa paroquial e pela antiga escola, configura um sítio com muito interesse arquitetónico, cultural e social.

A fachada da igreja exibe uma arquitetura que se pode enquadrar no século XVI. Neste alçado destaca-se o seu portal de arcada redonda e formada por grandes e largas aduelas. Quer as ombreiras, quer as aduelas do portal apresentam esquina chanfrada, característica muito frequente nesta época.



Figura 3. Imagem de São Vicente, orago da igreja.

O edifício sofreu vários acrescentos ao longo dos dois séculos seguintes, situação que veio a resultar numa construção muito curiosa. Por meados do século XVII foi erguido o campanário e já durante o século XVIII foram acrescentados dois volumes perpendiculares aos alçados laterais.

No ano de 1758, o pároco de Boim, José Vaz de Pinho, já nos informava acerca de um destes acrescentos, referindo-se a *uma nova capela novamente ereta*, e incorporada *na mesma Igreja com arco, que se fez na parede da mesma pela devoção, e zelo dos fregueses*. Trata-se da capela do Santíssimo Sacramento que se inseriu no alçado norte da igreja. Mais tarde, por uma questão de ampliação do espaço e de proporção estética, foi adicionado o corpo diametralmente oposto.

No interior, a igreja guarda dois magníficos retábulos e estatuária de grande valor artístico. O retábulo de São Vicente, o mais antigo, é um belo exemplar de talha maneirista e está datado de meados do século XVII. Nos dois painéis laterais, pintadas sobre madeira, vemos representadas as imagens de São Bento e de Santa Escolástica.

O retábulo do Santíssimo Sacramento é uma obra já da segunda metade do século XVIII que está muito bem documentada. Este trabalho de talha foi encomendado ao entalhador bracarense José Pereira Veloso, a 27 de Setembro de 1765. O preço dos dois retábulos (no contrato incluía-se o retábulo da igreja de Vila Fria) foi acertado em oitenta mil réis, quantia a pagar em duas prestações, no início e no fim das obras. Os trabalhos deveriam estar concluídos até ao mês de Agosto de 1766³.

Inserida na parede posterior da capela-mor existe uma inscrição possivelmente medieval, que faz conjunto com uma outra existente na parede sul, ambas deslocadas do seu lugar original⁴.

CAPELA DE SÃO JORGE

No alto do monte de São Jorge, miradouro superior sobre a paisagem, encontramos a capela consagrada ao mesmo santo. Este pequeno templo já vem referido *no Catálogo dos Bispos do Porto*, o que nos assegura que a sua construção foi anterior ao ano de 1623. No entanto, ao longo do tempo, sofreu várias remodelações, a mais importante das quais ocorreu por meados do século XVIII.



Figura 4. Capela de São Jorge

O pároco memorialista, em 1758, referiu a capela em cujo altar está colocada a imagem do dito São Jorge Mártir a Cavallo. Nesse testemunho informava que vinham muitos devotos em romagem à capela, principalmente no dia do santo, a 23 de abril, com procissão e feira de bois. Segundo a tradição é prática trazer-se os bois à capela por se considerar São Jorge protetor contra os males e doenças destes animais. No início dos anos noventa do século XX a capela foi alvo de um restauro e aumento. Atualmente pode-se ver um corpo em betão encostado à antiga fachada da capela. No lado oposto, separada da capela, ergue-se uma torre, igualmente em betão, encimada por uma cruz luminosa. Esta remodelação, que provocou uma grande descaracterização da antiga capela, teve por base opções de construção e materiais que não combinam com a sua traça original, aconselhando-se soluções mais dignas para um templo religioso.

A ermida primitiva é muito simples em boa cantaria de junta tomada, outrora rebocada. Sobre o portal da fachada principal ergue-se a empena coroada por uma cruz em pedra, assente numa base quadrangular, e dos lados duas pirâmides sobre bases de pedra trabalhada.

³ Sobre a igreja de Boim veja-se SILVA, Elsa e CARDOSO, Cristiano - "A igreja de São Vicente de Boim". *Revista Municipal*. N.º 79, Out. 2010.

⁴ Para um maior desenvolvimento desta matéria leia-se CARDOSO, Cristiano e SOUSA, Luís - "Dois documentos epigráficos medievais inéditos da igreja de Boim (Lousada)". *Revista Municipal*. N.º 87, Jun. 2011.